

Nave lateral, da parte de oéste, do palacio de cristal portuense

PORTO

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL PORTUGUEZA DE 1865

(Vid. pag. 65)

VI

SALAS DA EXPOSIÇÃO ALLEMÃ

Entrando no palacio de cristal, estendem-se para o lado direito duas salas, que occupam todo o corpo da fachada principal, que da nave do centro corre para oéste. A primeira, que communica com a nave central e tem cinco portas de vidraças na referida fachada, por onde recebe abundante luz, fica por baixo da sala em que se fez a exposição de pintura nacional. Sustentam-lhe o tecto quatro grossas columnas de ferro, enfileiradas no centro da sala, e collocadas em distancias proporcionadas.

Na parede em frente da porta que dá para a nave central do palacio abre-se um arco por onde se entra na segunda sala, que occupa o pavilhão de oéste d'aquella fachada em todo o seu tamanho e altura, do que lhe resulta ter o dobro da elevação da sala precedente. Ambas tinham sido destinadas para a exposição dos productos da industria allemã.

Nas observações geraes que fizemos sobre a exposição internacional portugueza ao começarmos esta serie de artigos, dissemos que a Allemanha não figurára n'ella do modo a que lhe dava direito a sua elevada posição como nação eminentemente industriosa.

É, na verdade, para lamentar que, d'entre tantos estados que compõem a grande nação allemã, cuja industria se acha tão desenvolvida, e em tal aperfeiçoamento e prosperidade, só um alli se fizesse representar de maneira a poder-se ajuizar do seu grande progresso industrial. Esse estado foi a cidade livre de Hamburgo, d'onde vieram 45 expositores, tendo che-

gado apenas a 265 a totalidade dos expositores de todos os estados allemães.

Parece-nos justo, pois, como tributo de homenagem a quem assim correspondeu ao nosso convite, que dêmos a preferencia a Hamburgo na breve visita que vamos fazer aos productos da Allemanha.

Um dos ramos da industria mais florescentes n'aquella cidade é, sem dúvida, a marceneria. Poucos objectos enviou Hamburgo á exposição por onde se podesse julgar da perfeição e bom gosto com que alli se fabricam moveis de madeira. Apenas um armario de freixo e amaranthо, alguns pianos e diversos ornatos de sala serviam de amostra ao bem que alli se trabalha em madeira. Porém em outra qualidade de moveis ostentou a industria hamburgueza o seu adiantamento e bom gosto artistico.

Os moveis a que nos referimos formavam duas collecções distinctas: uma feita de vimes, e a outra fabricada de pontas e pelle de veado, de bufalo e antilope, e de dentes de cavallo marinho. Ambas apresentavam muita novidade, e compunham-se de numerosas peças, muitas das quaes sobresaíam por sua elegancia e belleza.

Foram duas fabricas da mencionada cidade, de que são proprietarios os srs. *Henning Ahrens* e *Ferdinand Carl Schultze*, que expozeram os moveis de vimes envernizados (sophás, cadeiras, mesas, espelhos, toucadores, carrinhos para crianças e outras variedades de peças). Parece incrivel como o vime se presta a tanta diversidade de combinações bonitas para a vista e commodas para o uso. Todos ou quasi todos estes moveis foram vendidos muito antes do encerramento da exposição.

A outra collecção, exposta pelo sr. *H. F. C. Rampendal*, constava de mesas, cadeiras, guarda-roupas, molduras com espelhos, lustres, castiçaes, relogios, etc. Alguns d'estes objectos eram engenhosos e lindos. Os lustres e as molduras dos espelhos eram ornados de cabeças de aves, com a sua plumagem natural. Assim tinham contribuido os faisões, adens, francelhos, falcões e outras aves para o aformoseamento d'aquellas peças.

Apesar do preço elevado d'estes moveis, principalmente das cadeiras, algumas das quaes tinham por braços, pés e guarnições das costas pontas de bufalo e dentes de hippopotamo, lustrosos como espelhos, venderam-se tambem pela maior parte.

As fabricas do sr. *H. C. Meyer Junior*, e da *Companhia de Hamburgo* para a fabricação de objectos de caoutchouc, expozeram grande quantidade de obras de borracha e caoutchouc volcanisado, bengalas, folhas de madeira para marceneria, objectos feitos de barba de baléa, etc.

Era notavel a collecção de productos de folha de Flandres axaroada e com lavores, apresentada pelo sr. *Joannes F. Wolters*. Continha bonitas gaiolas e uma linda jardineira com aquario para peixes e gaiola para aves.

O sr. *H. F. C. Rampendahl* exhibiu duas collecções, formosas e variadissimas, uma de broches, collares, medalhas e pulseiras de ambar, albuns, crucifixos, oratorios, braceletes, broches, talheres e caixinhas de marfim; albuns de madeira entalhada, serpentinas, castiçaes e outros utensilios delicada e graciosamente fabricados em madeira; e a outra de pesos para cartas, de ambar e marfim, sinetes de marfim, pastas de madeira, de talha relevada, tinteiros de marfim, de ponta de veado e de madeira, estantes para leitura, etc.

Do sr. *C. Kuhn* via-se alli um painel esculpido em madeira, representando Santa Afra, que era obra muito para se ver e admirar. Custava 125$000 réis.

Os srs. *P. Hack, Schmidt & C.ª*, e *Pollack Schmidt & C.ª*, apresentaram machinas de costura, de diversos preços, algumas mui ricas.

Foram estes os productos que mais attrahiram a nossa attenção na exposição hamburgueza. Entretanto, compunha-se, além d'estes, de muitos outros, de differentes generos, de producção agricola e industrial.

Da Austria, Prussia, Baviera, Saxonia e mais paizes da Confederação Germanica, achava-se n'aquella sala muita diversidade de producções fabris e de agricultura, que davam testimunho de subido progresso, mas não vimos, ou não nos recordâmos de ver, objecto algum que, por se estremar dos mais, mereça especial menção.

Não diremos o mesmo da exposição allemã da segunda sala, porque ahi havia coisas que captivavam mais a attenção, umas pela sua belleza e primor, outras pela excessiva barateza. Poremos á frente de todas uma rica e mui formosa vidraça para janella de egreja ou capella. Era uma vidraça como as que se vêem nos templos gothicos, com graciosas illuminuras de vivissimas côres, representando imagens santas.

Tambem aqui figuravam dignamente as officinas de ourives da Austria, apresentando uma copiosa e variada collecção de objectos de metal prateado, taes como bandejas, taças, peças para serviço de almoço e jantar, castiçaes, serpentinas, cofres, etc., tudo obra delicada e de bom gosto, feita em Vienna d'Austria, nas fabricas dos srs. *J. L. Meyer* e *J. L. Hermann*.

Os srs. *Schnerb & Netter*, de Praga, exhibiram variados e bonitos adereços de oiro e pedras preciosas, que attestavam a perfeição com que na Bohemia se trabalha em joias. Fallámos d'ellas n'este logar, posto que nos parece que se achavam collocadas n'outra sala.

D'entre os productos da industria allemã que mais se recommendavam pela sua muita barateza, sobresaíam os relogios de parede fabricados em Vienna d'Austria pelo sr. *F. Peuker*, que teve a satisfação de vender todos os relogios que expoz, e de mandar vir outros para dar cumprimento a numerosas encommendas.

Alguns outros productos alli se viam dignos de menção especial pela perfeição do trabalho ou pela novidade da materia. Os que nos occorrem agora á lembrança são: calçado de diversas qualidades de coiro, de Vienna; chapéos, flores, stores, e outros objectos feitos de madeira, da Bohemia; cachimbos, boquilhas e porta-charutos de espuma do mar verdadeira e fingida, de Vienna; bengalas, da mesma cidade; molduras e outros ornamentos de madeira, polidos ou doirados, de Vienna, de Berlin e de Deutz; livros impressos e encadernações ricas; lã vegetal, extrahida dos pinheiros da Thuringia, na Prussia, e diversidade de objectos de vestuario fabricados com a dita lã pelo sr. *C. E. L. Lairitz*; etc.

Estas duas salas em que se fez a exposição allemã servem actualmente, a primeira para jogo de bilhar, e a segunda para leitura de jornaes politicos, litterarios e scientificos, nacionaes e estrangeiros. Projecta-se estabelecer n'esta sala uma bibliotheca de obras selectas de litteratura e sciencias.

VII

SALA DA EXPOSIÇÃO DAS ILHAS DA MADEIRA E AÇÔRES

Da sala de leitura passa-se para outra que fica na fachada de oéste do palacio. Foi destinada esta sala para a exposição dos productos da ilha da Madeira e do archipelago dos Açôres, apesar de que ainda ahi se achavam expostos alguns objectos de producção da Allemanha e outros paizes.

A exposição da ilha da Madeira merecia, sem dúvida, que a analysassemos com miudeza, não sómente em relação aos progressos que estão fazendo alguns ramos importantes da sua industria, mas tambem em attenção ao muito que promette, em geral, o moderno

desenvolvimento industrial d'aquelle povo, que até ha poucos annos apenas era conhecido no mundo pela formosura do solo que habita, pela benignidade do ceo que o cobre e pela excellencia dos vinhos que fabrica. Estão, porém, essas e outras miudezas fóra do nosso proposito, nem caberiam, antes que quizessemos fazer um esforço, nos limites que o *Archivo* póde consignar para esta serie de artigos, sem prejuizo das outras materias a que o obrigam o seu programma e a sua propria natureza.

A canna de assucar e a vinha, introduzidas alli no anno de 1420 por ordem do infante D. Henrique, que as mandou buscar á Sicilia e á ilha de Chypre, constituiram os primeiros ramos da industria da ilha da Madeira. Ao principio foi a cultura da canna o objecto da predilecção dos agricultores. O assucar e a aguardente que d'ella extrahiam chegou a representar annualmente um capital muito avultado. Porém ao diante começaram os vinhos a obter tal credito, e a serem tão procurados tanto em Portugal como nos paizes estrangeiros, principalmente em Inglaterra, e depois em França, que o seu preço, elevando-se progressivamente, proporcionava aos lavradores muito maior lucro que o de outra qualquer cultura. Assim, pois, em pouco tempo foram substituidas por vinhas as plantações de canna de assucar, até ao ponto de acabar inteiramente esta cultura.

Por longos annos foram os vinhos o elemento principal, póde-se dizer exclusivo, da riqueza publica n'aquella ilha. E com tanta facilidade a enriqueciam, que os seus naturaes quasi deram de mão ás outras industrias, que, nascendo naturalmente do curso regular da civilisação, ao mesmo tempo que concorrem para a felicidade das nações, dão a medida do seu desenvolvimento. O *oidium tukeri*, essa grande calamidade que estagnou quasi completamente aquella fonte de prosperidade da ilha, produziu novas industrias, fez desenvolver algumas que, não sendo modernas, nunca tinham passado da infancia, e, finalmente, foi causa de que resuscitassem outras que ha muitos annos tinham sido abandonadas e extinctas.

A exposição da Madeira, se não apresentava um quadro inteiramente fiel do estado actual da sua industria, mostrava, todavia, que esta tem progredido ultimamente de um modo satisfactorio, variando, aperfeiçoando e embaratecendo os seus productos.

O que faltava n'aquella exposição para que attrahisse e captivasse mais os olhos era a conveniente collocação e arranjo dos objectos; faltava-lhe aquelle bom gosto com que os estrangeiros, e sobre tudo os francezes, sabem dar graça aos seus productos industriaes pondo-lhes as bellezas bem em relêvo, e fazendo com que os objectos, pela sua disposição artistica, sobresâiam e recebam realce uns dos outros.

Os productos a que melhor quadravam estas observações eram os bordados, que alli se viam em grande abundancia, mas tão amontoados e mal dispostos, que pouca vista faziam os primores e delicadezas que ostentavam. Este ramo da industria tem tido tão grande desenvolvimento, e tem alcançado tal perfeição, que os seus productos são procurados e estimados, não só em Portugal, mas tambem em outros paizes estrangeiros, principalmente na Gran-Bretanha. Os bordados que se fazem actualmente no districto do Funchal são avaluados na importante somma de 100:000$000 réis. E vae augmentando tanto a exportação d'estas obras, levadas pela maior parte pelos numerosos viajantes que visitam a ilha continuamente, que a prosperidade d'esta industria, attrahindo de anno para anno maior numero de braços, faz com que ao presente se sinta na cidade do Funchal grande falta de costureiras.

Figuravam tambem alli os diversos tecidos de palha em que a ilha da Madeira tem feito notaveis progressos, especialmente nos chapéos de palha de centeio, tão bem preparada e tecida, que vae em caminho esta industria de chegar um dia a competir com a dos chapéos de palha de Italia, tão justamente apreciados em toda a Europa. Porém a Madeira apenas enviou á exposição uma pequena amostra de taes productos, que não representavam cabalmente os progressos que tem feito n'esta industria.

É egualmente afamada a mesma ilha pelas obras feitas de verga de giesteira e de vimes. Com estes simples materiaes, engenhosamente tecidos, fabricam muita diversidade de moveis, cestos, açafates e outros utensilios e ornamentos, mais ou menos commodos e graciosos, cuja exportação começa a avultar. Tambem n'este genero de trabalho produz a industria madeirense maior variedade de objectos que a que se achava exposta no palacio de cristal portuense.

A par dos tecidos de palha viam-se lindos ramos de flores de pennas, trabalho em que prima a cidade do Funchal; bonitos tapetinhos de crina, etc.

O sr. *barão de Castello de Paiva* expoz um curioso herbario de todas as variedades de fetos indigenas da Madeira, colhidos, classificados e offerecidos por elle ao museu do Porto; tres conchas da mesma procedencia, sendo duas marinhas e uma terrestre; e tres caixas de madeira com embutidos na tampa, representando os de uma a planta topographica do Porto, n'outra o mappa geographico de Portugal, e na terceira a carta geographica da Inglaterra. Estas tres caixas, cujos embutidos mostravam grande perfeição de desenho e admiravel delicadeza na execução, foram offerecidos pelo expositor á camara municipal do Porto, as duas primeiras para serem depositadas na sala das sessões da mesma camara, e a ultima para ser vendida e o seu producto applicado para o asylo da mendicidade do Porto; determinação que se cumpriu depois do encerramento da exposição.

São muito notaveis os progressos da Madeira n'este ramo da sua industria, que de dia para dia se desenvolve cada vez mais, quer no aperfeiçoamento, quer na variedade e quantidade dos productos, como se póde ver nos abundantes depositos de objectos de producção madeirense, que foram estabelecidos modernamente em Lisboa e no Porto. Além das caixas acima referidas figuravam na exposição internacional portugueza muitos outros objectos de madeira com embutidos, como escrevaninhas, mesas de gabinete, caixas de costura, estojos para barba, cofres, estantes para livros, reguas, facas para cortar papel, etc., etc., tudo obra de bastante primor e em geral de bom gosto. A mesa de gabinete exposta pelo sr. *Manuel Rodrigues Gaspar*, e a mesa de gamão apresentada pelo sr. *Antonio Dias*, eram merecedoras de particular attenção.

As vistas e retratos photographicos que se viam n'esta sala faziam honra aos artistas do Funchal.

A maior parte dos 36 expositores da Madeira exhibiram productos agricolas, cuja collocação era no *circo*.

Do archipelago dos Açôres apenas concorreram 12 expositores. Não fallando dos de producções de agricultura, mencionaremos os seguintes, com os objectos que expozeram: o sr. *Antonio Machado da Silva*, de S. Miguel, um lindo ramo de flores de pennas, no valor de 36$000 réis; a sra. *D. Maria Theresa de Mesquita*, de S. Miguel, um quadro de flores feitas da medulla da figueira; a sra. *D. Maria Luiza Drumond*, da ilha Terceira, um vaso com flores feitas de gomma de batata; e os srs. *José Nicolau Teixeira de Sousa*, de S. Miguel, e *Manuel José de Sousa Adão* e a *commissão expositora*, da ilha Terceira, lenços, peitilhos, sáias e fronhas bordadas.

No centro da sala avultava o modêlo de uma fragata de guerra, de systema mysto, a helice, com 37 canhões e todos os seus pertences, cujo comprimento não seria menor a 1^{m},50. Era um vaso muito elegante

e acabado com singular esmero e perfeição pelo sr. *H. Henry Jansen*, de nação bavara, mas residente em Lisboa.

Communica esta sala com a nave do lado de oéste, que se acha representada em nossa gravura, e da qual nos occuparemos no seguinte artigo.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

(Vid. pag. 122)

III

Conhecido o passado d'este homem notavel, sigamos agora a armada que o leva caminho da India. Apesar das longas navegações dos portuguezes, tão imperfeitas eram ainda as cartas maritimas, e a nautica tão atrazada, que não podia uma esquadra navegar de conserva, e que era permittido aos differentes navios vogarem á vontade, comtanto que levassem o mesmo rumo, se dirigissem aos mesmos portos e obedecessem ao capitão-mór, onde quer que o encontrassem. Assim aconteceu á esquadra de D. Francisco de Almeida, que foi perdendo naus pelo caminho, e repartindo as equipagens pelas que lhe restavam, porque n'esse tempo nenhuma frota conseguia chegar intacta ao seu destino, coisa que pouco admirava, tendo que atravessar mares tão procellosos e tão desconhecidos. E abramos aqui um parenthesis para dizermos que todos os passageiros dos paquetes inglezes, que hoje com tanta facilidade dobram o cabo da Boa-Esperança e vão desembarcar na sua potente Calcuttá, na formosa Bombaim ou na rica Madrasta, deviam venerar a memoria dos navegadores portuguezes, de que elles mal conhecem os nomes aqui e alli espalhados pelo mundo n'alguns pontos onde a piedade christã, que os movia a fazer dos mappas uns calendarios, cedia o passo ao natural desejo de transmittirem a sua fama á posteridade. Pois saibam esses nobres lords, que talvez acabaram de cuspir uma affronta na bandeira das quinas, que nem um só parcel dos que evitam, nem uma só das bahias em que se vão refrescar das fadigas do Oceano, deixou de ser assignalado pelo sangue generoso dos nossos antepassados. E, feita esta reflexão, continuemos.

Levava D. Francisco de Almeida ordem para construir quatro fortalezas para além do cabo da Boa-Esperança, uma em Quilôa, outra em Cananor, outra em Cochim, e a quarta nas ilhas Angedivas. Iam com elle quatro fidalgos, nomeados para commandantes d'ellas: Pero Ferreira para Quilôa, Lourenço de Brito para Cananor, D. Alvaro de Noronha para Cochim, e Manuel Peçanha para as Angedivas. Tratou D. Francisco de Almeida de cumprir a ordem que levava, aportando a Quilôa, terra de grosso trato, povoada de mercadores musulmanos que alli iam negociar da Arabia, Egypto, e até de Tunis e Marrocos. Dissensões que havia na cidade entre os partidarios do scheick reinante e os descontentes, que tinham por chefe um dos mais opulentos mercadores da terra, chamado Mehemet, favoreceram tanto os projectos do vice-rei, que, sem dar um tiro, se assenhoreou de Quilôa, por terem fugido o scheick e os que podiam ser defensores da cidade. Aproveitou-se d'isto o astuto Mehemet para fazer com que o vice-rei lhe apoiasse as pretenções e lhe désse a auctoridade, reconhecendo-se elle vassallo da coroa de Portugal, e consentindo que se erigisse a fortaleza [1].

[1] João de Barros affirma que foi D. Francisco de Almeida quem tirou espontaneamente da sua obscuridade o mercador e o elevou ao throno. Parece-nos mais verosimil a versão de Gaspar Corrêa, do que essa que nos apresenta Mehemet como uma especie de Wamba saloio.

Principiou a construcção d'esta primeira fortaleza, onde ficaram cem homens! coisa que os nossos chronistas relatam como tão natural, que, sem vangloria, nos vemos obrigados a admirar esta singela heroicidade dos nossos maiores. E tanto se ufanam os francezes da sua defesa de Mazagran, e tanto exaltam o valor do capitão Lefévre e da sua companhia, quando nós na nossa historia não encontrâmos senão Mazagrans, e não vemos senão Lefévres! Apenas deixou a fortaleza em bom andamento, partiu o vice-rei para Mombaça, aonde já chegára a nova dos successos de Quilôa. Mais guerreiros do que os habitantes d'esta ultima cidade, os musulmanos de Mombaça prepararam-se para se defenderem, ainda que o scheick, por conselhos de alguns mais cordatos, tentou conservar-se em paz; e com tanta ingenuidade fez o seu enviado o protesto contra o direito de conquista que os nossos se irrogavam, que o vice-rei não póde deixar de dizer: «*As palavras d'estes Mouros são tão chegadas á razão, que hey dó de lhe fazer mal, mas minha obrigação me salua* [1]». E requereu-lhes que se fizessem vassallos del-rei de Portugal.

Paremos um instante e admiremos esta nobre physionomia, que avulta de um modo tão honroso na galeria dos governadores da India. Houve um que, pela alteza das suas vistas politicas, pelo seu talento de general, merece occupar o primeiro logar em a nossa historia, e esse foi Affonso de Albuquerque; mas vulto mais sympathico, mais cavalheiroso do que o de D. Francisco de Almeida, difficil será encontral-o. Despido da maior parte dos preconceitos que escureciam a vista aos seus contemporaneos, integro, justiceiro, liberal, affectuoso, appareceu aos indios como digno representante da magestade suprema. Se um dia a benevolencia do seu caracter parece alterar-se e transformar-se em ferocidade, é porque o leão recebeu uma ferida envenenada que o desvairou e entonteceu, é porque o seu coração de pae foi lacerado pelo profundissimo golpe da morte de seu filho. Mas até essa epocha fatal, que nobreza, que serena doçura, que affavel urbanidade! Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral e o mesmo Affonso de Albuquerque praticam actos de ferocidade, julgam que tudo lhes é permittido em se tratando de vantagens a colher para a sua patria; mas D. Francisco de Almeida encara as coisas de um ponto de vista mais elevado, combate com a moderação que aprendeu nas guerras cortezes de Granada, e, cumprindo as ordens arbitrarias que trouxe da corte, protesta com um leve sorriso e com algumas palavras bem pensadas contra as equidades que se vê forçado a commetter. Só elle, entre todos esses audazes guerreiros, parece conhecer e respeitar os principios do direito das gentes e do direito natural.

Rejeitada pelos de Mombaça a vassallagem que el-rei de Portugal lhes queria impor, teve D. Francisco de Almeida de recorrer á força das armas. Assim fez, e na peleja se mostrou tão habil e denodado capitão como fôra primeiro justo e prudente negociador. Os musulmanos haviam preparado uma séria resistencia, uma resistencia como a que Puebla ha pouco apresentou ás tropas de Napoleão III.

Mombaça era uma linda cidade, cercada de densas florestas de mangueiras, e construida á moda das cidades arabes do sul da Hespanha, tanto que os portuguezes de Vasco da Gama, quando viram aquella ilha surgir-lhes das aguas, diamante engastado n'um annel de verdura, com a sua casaria branca, os seus terraços povoados de curiosos, julgaram-se transportados pela varinha de alguma fada a terras proximas da sua patria, ou suppozeram que o seu piloto, como o de Ullysses, os illudia com aquelles prestigios, como o sabio grego era todas as vezes enganado pela vi-

[1] Gaspar Corrêa, *Lendas da India*, tomo I, parte II, *Armada de D. Francisco de Almeida*, cap. III.

são da sua Ithaca. Provinha isto de serem numerosos os habitantes moiros de Mombaça, e de ser tão opulento o commercio d'esta cidade, que bem podia considerar-se como princeza no meio dos grupos de cabanas de folhas que constituiam a maioria das povoações africanas.

D'estes terraços se serviram os defensores da cidade para guerrearem o punhado de portuguezes que tentavam invadil-a. Quebraram as escadas das casas para que os assaltantes não podessem ir desalojal-os, e juntando nos terraços grande provisão de pedras, e armando-se de frechas, prepararam-se para resistir ao assalto. Começou elle assim que rompeu a aurora, tendo estado toda a noite a artilheria a varejar os muros da cidade, obrigando os africanos a conservarem-se abrigados, e protegendo d'esta fórma o desembarque dos nossos. Mas assim que estes, divididos em duas esquadras, debaixo do commando do vice-rei e de seu filho, penetraram nas ruas, viram-se esmagados por penedos, que mãos invisiveis impelliam, e varados por nuvens de frechas, que os perseguiam n'essas vias estreitas. Tão violenta foi a defesa, que, não podendo os portuguezes entrar nas casas porque encontravam as escadas quebradas, foram obrigados a recuar e a retirar para a praia, collocando-se debaixo da protecção da artilheria, que continuava a troar incessantemente, derrubando os muros, e acossando do terraço os defensores da cidade. Como se vê, não se



Lago de Garda e cidade de Riva

tinham perdido as lições de Granada, e a tactica hespanhola, que expulsára da Hespanha os moiros de Abn-Abdallah [1], ia tambem perseguir os correligionarios dos proscriptos na Africa Oriental.

Alli o vice-rei ordenou que desembarcassem os carpinteiros que trazia a bordo, e que fizessem escadas de mão, que substituissem as que os africanos haviam quebrado, e mandando vir tambem para terra duas peças de artilheria, a que Gaspar Corrêa chama *berços*, e mantimentos para os combatentes refazerem as forças, jantou serenamente rodeado pelos seus guerreiros, tendo ao lado seu filho, cujos loiros cabellos ondeavam ao sopro das batalhas, e em cujos olhos fulgurava a chamma do heroismo. Espectaculo verdadeiramente magestoso na sua simplicidade! O sol ardente dos tropicos, inundando a praia e accendendo milhares de lampejos nas armas luzentes dos portuguezes; a cidade, espraiando-se silenciosa e aterrada, a alvejar no meio do verdejante cinto das mangueiras e dos palmares; as amuradas das caravelas envoltas n'um diadema de fumo, sulcado de quando em quando pelos relampagos dos tiros; e no meio d'este scenario de tão original grandeza um homem de nobre semblante, sereno e affavel, cercado por um punhado de heroes, sorrindo-se para todos, dando com toda a tranquillidade as suas ordens, e tomando repoisadamente a sua refeição como se estivesse no paço dos Estáos ou da Alcaçova ao lado do seu poderoso soberano, el-rei D. Manuel.

Acabada a refeição e chegada a artilheria, retomou o vice-rei a offensiva. Encostadas as escadas ás primeiras casas, subiram a ellas alguns valentes, que foram acossando os moiros, e que, travados com elles em combate aéreo, os despenhavam d'essa altura no meio da rua. Logo apos esta vanguarda foi João da Nova com a sua companhia, levando nos braços os

[1] É este o verdadeiro nome do ultimo rei moiro de Granada, que habitualmente e por corruptela se chama Boabdil. Veja-se Prescott.

berços, em quanto o vice-rei, precedido pelas trombetas, que iam atroando os ares com os seus clangores, irrompia pelas differentes ruas. E assim, caminhando João da Nova pelos terraços na direcção em que ia ouvindo os toques das trombetas, varrendo de inimigos esse campo de batalha, que dominava o das ruas, e indo o vice-rei e seu filho levando diante de si os raros inimigos que tentavam oppor-se-lhes frente a frente, conseguiram chegar á habitação do scheick, expulsando os possuidores de Mombaça, e tornando-se senhores da cidade africana.

Demorámo-nos mais n'este combate, porque é um d'aquelles em que melhor se revela a pericia militar e o sangue frio do heroe que biographámos. Olhar de aguia, rapida concepção de um plano justo, emprego bem combinado dos meios de ataque de que dispunha, intrepidez na execução, tudo se nota n'este assalto, que mostra logo aos portuguezes que não é só um valente cavalleiro, mas um habil general, esse que tem á sua frente, um Bayard na bravura e na magnanimidade, um Antonio de Leyva ou um condestavel de Bourbon na arte militar.

Vencida Mombaça, reduzido o seu rei a vassallagem, e deixado junto da cidade um padrão commemorativo de tudo isto, levantou ferro a armada, e proseguiu o seu caminho para a India, aonde chegou, sem mais inconveniente, indo fundear na ilha de Angediva, onde el-rei mandára que levantasse fortaleza.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

LAGO DE GARDA

Este lago, o maior da Italia, conhecido dos romanos com o nome de *Benacus*, separa o territorio de Brescia da provincia de Verona. Estende-se do norte ao sul com 44 kilometros de comprimento, desde a cidade de Riva, que está edificada na sua extremidade do norte, até á praça de guerra de Peschiera, que se eleva na extremidade do sul. Na parte superior, que é o lado de Riva, tem 5 kilometros de largura; 10 quasi no centro, entre Torri e Maderno; e 20 mais para o sul, onde a terra fórma uma pequena peninsula chamada *Sermione*. A sua elevação acima do Adriatico é de 110 metros, e a sua maior profundidade, que fica entre Gargnano e Castelleto, é de 300 metros. O fundo do lago é muito accidentado.

Relativamente á sua grandeza e volume de aguas, recebe poucos rios importantes. O principal é o rio Sarca, proveniente dos Alpes do Tyrol, o qual entra no lago proximo da cidade de Riva, e, saíndo d'elle com o nome de *Mincio*, contiguo aos muros de Peschiera, divide a Lombardia dos estados de Veneza. Entretanto, é fóra de dúvida que não se poderia conservar um lago de tal extensão e profundidade, com as suas aguas sempre tão puras e cristallinas, se o não alimentassem numerosos e abundantes mananciaes. Porém os que mais avultam, e mais o fazem intumecer, não provém de fontes, mas sim das neves derretidas pelo sol do estio. D'este modo, assim que o verão começa, eleva-se o nivel do lago um metro, e ás vezes mais.

O norte e o sul são os ventos que levam ao lago de Garda as tempestades que mais o agitam. N'essas occasiões é perigosa a navegação para as embarcações pequenas. A procella revolve tanto o lago, e ergue tão alto as suas ondas, que Virgilio o compara ao mar no seguinte verso:

Fluctibus et fremitu assurgens Benace marino.

Tambem Catullo, o engraçado poeta latino, cantou este lago, que tanto enlêvo lhe causava, que mandou edificar uma casa de campo nas suas margens, cujas ruinas ainda se mostram na peninsula de Sermione, e na qual ia, na estação risonha, esquecer o bulicio do mundo, para viver no meio das musas, todo entregue aos encantos na natureza. E com effeito, dizem que, nos dias lindos do estio, não ha quadro natural que seja comparavel em magnificencia e belleza ao espectaculo encantador que offerece o lago de Garda.

Ao norte levanta-se magestosamente o Monte-Baldo, que se encosta de um lado ás serras penhascosas do Tyrol, e do outro se debruça sobre as aguas do Garda. É tão pittoresca esta montanha, onde, afóra as cumiadas escalvadas, as rochas se entremeiam e coroam de tantos e tão variados arvoredos, que lhe chamam o *jardim dos Alpes*. E nas faldas d'esta serrania estende-se a cidade de Riva, cercada de uma parte por viçosos pomares, e da outra parte banhada pelas aguas do lago.

A margem do sul, quasi inteiramente plana, é animada pelo aspecto guerreiro de Peschiera, e pelo movimento commercial do seu porto. A praça de armas, celebre na historia das guerras da Italia, tem sido reparada em differentes epochas, e muito augmentada em nossos dias pelo governo austriaco. O porto de Peschiera serve de asylo ás embarcações durante o maior furor das tormentas. A cidade e praça de Peschiera dista uns 25 kilometros da cidade de Verona, que é outra praça mui forte do famoso quadrilatero.

A margem de oéste assimilha-se a um cesto de flores fragrantes, pois que se elevam ahi como em throno densos pomares de laranja e limão, do meio dos quaes se ergue, alvejando, a cidade de Salo, pequena, porém muito industriosa povoação (uns 5:000 habitantes) sentada no logar onde o rio do seu nome se lança no lago.

É afamado o lago de Garda pela abundancia e variedade de pescaria. As especies mais communs, e que constituem um ramo importante de commercio, são *trutas, sardinhas, saveis, salmões, barbos, tencas, enguias, lucios, temolo* (especie de truta mui saborosa e odorifera) e o *carpião*, especie que só n'este lago se encontra.

Além das cidades referidas outras povoações se vêem sentadas á borda do lago, e separadas por várias quintas com bonitas casas de campo. D'entre as primeiras nomearemos a villa de Garda, por lhe caber a honra de ter dado o nome ao lago; e por esta circunstancia bem se póde julgar que é povoação muito antiga. D'entre as segundas mencionaremos, por mais aprazivel e formosa, a quinta do conde Bettoni.

O lago de Garda é presentemente uma importante via de communicação entre a Italia e o Tyrol. Sulcam-n'o diariamente e a todo o momento muitos barcos movidos por vapor, que fazem a viagem de Peschiera a Riva em quatro horas.

A cidade de Riva, que se vê representada em a nossa gravura, encerra pouco mais de 5:000 habitantes. Apesar da sua graciosa situação, é mais bella para ser vista de fóra que no interior, onde é sombria. Isto succede commummente a todas as povoações construidas em planicie, quando não presidiram á sua edificação a arte e o bom gosto.

Domina a cidade um castello fundado pelos Scaligers, reconstruido pelos austriacos em 1850, e ha pouco novamente reparado e mais fortificado. Serve actualmente de prisão. Na margem do lago está a *torre de La Rocca*, muito antiga, e tambem modernamente renovada e fortalecida. A egreja matriz contém bons quadros a oleo e excellentes pinturas a fresco. A egreja dos frades menores, mui visitada de romagens, é um soberbo monumento, fundado em 1603. Possue magnificas pinturas a fresco e preciosos quadros dos grandes pintores Guido, Guercino e Palma. Riva tem um bonito passeio no porto, e nas suas cercanias, mas um tanto distante da cidade, uma curio-

sidade natural que attrahe numerosos viajantes — é uma cascata formada pelo rio Ponal, que, perto da sua foz no lago de Garda, se precipita de uma altura de 66^m.

Riva possue um arsenal de marinha, e o seu porto serve de estação naval ao governo austriaco, que n'elle tem uma esquadrilha de canhoneiras e outros barcos pequenos movidos por vapor.

Segundo as noticias do theatro da guerra na Italia, Garibaldi dirigiu-se com os seus voluntarios para a cidade de Riva.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O PRIMEIRO AMOR DE UM REI

(Vid. pag. 133)

IV

O INFANTE D. FERNANDO

Na sexta-feira, 10 de março de 1503, deu á luz, em Alcalá de Henares, a princeza, então, depois rainha, D. Joanna, o seu terceiro filho, o infante D. Fernando, e no dia seguinte foi solemnemente baptisado com grande regozijo da rainha D. Isabel e de todas as pessoas da sua corte.

Uma memoria d'aquelle tempo nos refere os pormenores da ceremonia, e, embora pareça inopportuno copial-a, transcrevemol-a para que os leitores possam por ella julgar o fausto da epocha e do ceremonial que os reis empregavam em uma das situações mais solemnes da sua vida.

No dia do baptisado saíu a rainha D. Isabel á missa, trajando vestido francez de purpura; collar magnifico, tendo pendente uma riquissima medalha; e um bracelete no braço direito com rubis e esmeraldas, que chegava do pulso ao cotovello. Acompanhavam a rainha a esposa do governador [1] de Murcia, vestida com uma sáia carmesi, e sobre ella uma tunica de veludo lavrado e guarnecido de arminhos, mangas cortadas e todas as aberturas orladas de oiro batido; e a esposa de João Velasquez com sáia franceza de purpura e grande roda, forrada de arminhos, cingida com um cinto de oiro batido, tendo engastadas n'elle muitas pedras preciosas. Além d'estas, iam outras senhoras com infinitos adornos de oiro, collares e pulseiras com deslumbrantes engastoados. Todas entraram para ouvir a missa na tribuna grande.

Os cavalheiros tambem ostentavam trajos luxuosos. O duque de Najera vestia gibão de veludo lavrado com mangas largas, sáio frisado sem mangas, capa aberta com guarnição, espada de oiro, e a bainha e o talabarte de fio de oiro lavrados. Os seus borzeguins eram fulvos, e o capuz de veludo com ricas joias. O marquez de Vilhena levava uma especie de sotaina de panno roxo muito fino, sáio vermelho e capuz roxo. Garcilaso ia enfeitado com uma cadeia de oiro que pesava tres mil *castelhanos* [2]; e Fonseca ostentava outra que lhe offerecêra o imperador da Allemanha quando fôra embaixador de suas altezas junto d'este soberano.

Prégou o bispo de Malaga, e o sermão foi de alegria e louvor á princeza, referindo se á sua vida desde o berço.

Finda a ceremonia religiosa, foi a rainha com as suas donas e damas visitar sua filha. Dava-lhe o braço o marquez de Vilhena, e ia na frente o duque de Najera. Depois recolheram-se para jantar, e quando acabaram estavam já determinadas as cavalhadas [3] no pateo grande do paço, junto do jardim.

[1] O governador de provincia tinha n'aquella epocha em Hespanha a denominação de *adelantado*, e exercia o poder assim civil como militarmente. Era uma das maiores dignidades do reino.

[2] Moeda de oiro que circulava em Castella.

[3] As cavalhadas que então havia nas grandes solemnidades tinham o nome de *juego de cañas*, porque os cavalleiros, em vez de armas brancas, traziam canas.

A rainha chegou a uma janella ricamente ornada, e a comitiva tomou logar nos corredores.

Feitos os preparativos, apresentou-se o duque de Najera com cincoenta cavalleiros luxuosamente ataviados. Iam seis cavallos á destra, ajaezados com primor e riqueza. Seguiam-se os musicos com trombetas e atabales. O duque, com o seu numeroso sequito, collocou-se debaixo da janella da rainha.

Saíu logo em seguida o marquez de Vilhena, seu competidor, trajando vestes roxas e vermelhas, com outros seis cavallos á destra muito bem ajaezados. Collocou-se em frente do duque, acompanhado como elle de musicos com trombetas e atabales.

Jogou em primeiro logar o duque de Najera as cannas, e não se tangeram os instrumentos senão quando elle voltou. O marquez não se moveu do seu sitio durante a hora do jogo, e d'alli principiaram as escaramuças, figurando uns de moiros e outros de christãos. A escaramuça durou meia hora, depois deram uma corrida o duque, o marquez e outros nobres, e cada turma se retirou, como entrára, despedindo-se antes com a maior reverencia da rainha.

No sabbado seguinte poz-se toldo na rua do Paço até S. Justo, porque devia passar por ella a comitiva do baptisado, mas choveu e foi necessario adiar a ceremonia para o dia seguinte.

As damas flamengas iam vestidas á hespanhola. O duque de Najera tomou o infante nos braços e envolveu-o em um pequeno manto de brocado, com forro de arminhos nas costas e nos hombros. O governador de Castella levava as fontes de oiro e as toalhas, o conde de Fuensalida o vaso em que ia o sal, auxiliado por um pagem, porque o vaso era de oiro massiço e de grande dimensão; e o sr. Muhl levava a salva com a touca do recemnascido.

Baptisou o regio infante o arcebispo de Toledo, e foram seus padrinhos o duque de Najera e o marquez de Vilhena.

Esta é a relação que testimunhas oculares fizeram da solemne ceremonia do baptismo do terceiro filho dos reis Filippe o *Formoso* e Joanna a *Doida*.

Fallecido el-rei D. Fernando o *Catholico*, foi herdeiro do throno de Castella seu neto, o principe D. Carlos; mas quando morreu a rainha Isabel I, a nobreza, ambiciosa, como sempre, e inimiga do dominio estrangeiro, que a ameaçava ao subir ao poder o filho de um rei de Hespanha de origem allemã, desejando por outro lado governar o reino á sua vontade, organisou um partido a favor do infante D. Fernando, nascido e creado em Hespanha, e ainda muito moço para ter vontade propria, com o que se conseguiria dominal-o inteiramente e saciar-lhe a ambição de poder e riquezas.

Carlos I estava dominado pelo sr. de Chièvres, o qual, querendo contrabalançar a influencia do cardeal Ximenez Cisneros, nomeára governador, conjunctamente com o primaz de Hespanha, o deão de Lovaina, seu parente.

O aio do infante D. Fernando era, como já dissemos, o commendador-mór de Calatrava, Gonçalo Nunez de Gusmão, homem edoso, um dos mais probos de Castella, e que, como bom hespanhol, lastimava que os flamengos se aproveitassem e tivessem parte na gloria que os reis catholicos com tamanhos sacrificios haviam conseguido para a Hespanha.

Humano de coração, de bons sentimentos e de caracter energico, procurára cultivar a intelligencia do discipulo, desenvolver n'elle as virtudes que augmentam o esplendor de um principe, e dotal-o de qualidades proprias para que, chegado o caso de realisar-se o seu projecto de coroal-o como rei de Castella, podesse competir com seu irmão, do qual nada se esperava em vista da sensação pouco lisongeira que tinha causado aos enviados hespanhoes quando o visi-

taram pela primeira vez em Gand. Era verdade, como dissemos, que o principe Carlos, antes de se dirigir á Hespanha para tomar as redeas do governo do seu reino, vivêra de tal modo sob a tutela do senhor de Chièvres, que, sem mostrar vontade propria, não revelava o valoroso capitão, nem o habil politico e ousado soberano, que devia desenvolver-se com o correr dos annos.

Julgando, pois, Gonçalo Nunez de Gusmão que faria verdadeiro serviço á patria dando-lhe um rei digno de seu esplendor, com a maior boa fé e auxiliado de outros personagens que, a fallar verdade, não caminhavam com o mesmo intuito que o honrado preceptor, lançou mão de todos os recursos com que contára para alcançar o seu proposito.

Depois da morte do rei catholico, os conselheiros da coroa, que se tinham conservado em Madrigalejos, expediram officios para todos os corregedores, cidades e villas do reino, prorogando-lhes os cargos e honras, e ordenando-lhes que os desempenhassem em paz. Em seguida escreveram ao cardeal Cisneros indicando-lhe que el-rei o nomeára governador de Castella até á vinda do principe herdeiro, e pedindo-lhe que fosse a Guadalupe, para onde todos se dirigiam, a fim de resolver de commum accordo as providencias que nas circunstancias em que se achavam deviam tomar-se.

Não sabendo o infante D. Fernando, ou, antes, o seu aio, a mudança que el-rei catholico fizera no seu testamento, julgando que o moço principe seria nomeado governador, como seu avô dispozera e ordenára em Burgos, aconselhado pelas pessoas que o cercavam, escreveu ao conselho e a diversos funccionarios, pondo no começo das cartas «O infante, etc.», determinando a todos que fossem ao encontro d'elle em Guadalupe.

Chegando o secretario, encarregado de entregar as indicadas cartas, á presença de um membro do conselho, e vendo este o principio da fórmula «O infante...», observou logo ao secretario:

— Queira dizer a sua alteza, que em breve iremos a Guadalupe para obedecer ás suas ordens; mas que não temos outro rei senão Cesar.

Esta resposta foi muito festejada assim em Hespanha como em Flandres, e depois tornou-se uma prophecia, porque o infante não só foi rei, mas tambem imperador de romanos.

Reuniram-se, com effeito, em Guadalupe os membros do conselho, o governador nomeado pelo fallecido monarcha, o infante e a sua numerosa comitiva, e o deão de Lovaina enviado pelo principe Carlos como seu embaixador.

Aplanadas todas as difficuldades, contidas as divergencias, e tranquillisados os partidarios do infante, pela sagacidade e energia do cardeal Cisneros, dirigiram-se todos a Madrid no dia 1 de fevereiro de 1516; mas, não obstante isso, os inimigos do cardeal e do primeiro filho do flamengo Filippe I continuaram a incitar o infante a que se declarasse contra seu irmão, se não para conseguir o triumpho, quando menos para suscitar embaraços ao governo provisorio.

Apesar dos seus poucos annos, estava tão convencido o infante de que em Castella desejavam o seu reinado, que, vendo-se desherdado do poder e de outras proeminencias que no primeiro testamento lhe deixára seu avô, foi tamanho o desgosto que sentiu, que da melancolia se lhe originaram umas febres intermittentes. As caçadas eram a sua distracção unica.

Ainda assim, não descançaram os seus partidarios. As intrigas dos cortezãos continuaram, e augmentaram no moço infante o odio para com seu irmão. Conseguiriam, porém, que se declarasse a guerra ostensivamente entre D. Fernando e D. Carlos?

V

A CAÇADA NO PARDO

Os exercicios da caça eram a distracção unica do infante.

Apesar da sua edade, tinha muito arraigado o sentimento da propria dignidade; haviam-n'o obrigado a acreditar que a primeira vontade de seu avô não só prejudicára os seus interesses, mas que humilhára de certo modo a sua posição, e, sem poder explicar o motivo do seu desgosto, estava desgostoso.

Completára quatorze annos apenas, e a estatura elevada e o desenvolvimento dos musculos faziam-n'o passar por homem.

Uma noite, em fins de fevereiro, depois de ter passado o dia em aborrecimento invencivel, cercado por conselheiros falladores e intrigantes, aproximou-se d'elle um pagem, o pagem de sua confiança, Ramiro.

— Quero ámanhã dar uma batida no Pardo, disse o infante; põe tudo em ordem, e não falles d'este proposito nem ao meu mestre, nem aos nobres da minha comitiva. Acompanhar-me-has tu com os monteiros necessarios.

— Que dirá o sr. D. Gonçalo, sabendo que vossa alteza foi caçar sem tél-o prevenido?...

— Deixal-o dizer... quero livrar-me, sequer por um dia, da sua presença. Estou já cançado de ouvil-o fallar de Castella e do seu throno, de meu irmão e da minha dignidade, de conspirações e de outras coisas que amedrontam. Desejo perder-me entre as urzes e sarças dos montes; ver só o ceo e as penhas descarnadas; ouvir as trombetas dos caçadores e os latidos dos cães; esquecer, em fim... tu não sabes o que experimentará a minha alma esquecendo!... Até ámanhã de madrugada, no Pardo. Fica entendido.

Saíu Ramiro da camara do infante, e em quanto este se preparava para descançar por causa da madrugada do dia seguinte, o pagem saíu do palacio, e, embuçado na capa, dirigiu-se pelo sitio onde hoje se vê o arco da armaria, desceu a encosta que levava á rua de Segovia, e entrou em uma casa.

— És tu, Ramiro? disse ao vêl-o outro mancebo da sua edade, que estava negligentemente sentado em um escabello, proximo de uma porta coberta com tapeçaria.

— Em corpo e alma, respondeu o pagem; isto é, só em corpo, porque a respeito da minha alma, se o diabo não a levou, não deve tardar muito em leval-a.

— Aposto que se te condemnarem alguma vez, o que não duvido, meu amo é quem terá a culpa.

— O teu amo, se não é Satanaz, deve ser o seu representante n'este mundo; porque, a final, é tão agradavel tudo quanto diz e faz...

— O que faz, principalmente... não é verdade?

— Não acreditas que me comprou?

— Quem pensava n'isso? Basta-lhe alugar-te...

— Obrigado pela lisonja, sr. Longinos; trata-me vossemecê como animal de aluguer...

— Não ha tal, sr. pagem; mas se não é vossemecê animal de aluguer, tem todas as manhas dos mais conhecidos... isso não se póde negar.

— Insulta-me, só birbante! accrescentou Ramiro, fingindo zangar-se, e depois mudando de tom e aspecto... vamos, Ruy Gomez, não queiramos fazer de cavalleiros, porque teriamos que ajustar contas; sejamos tu escudeiro e eu pagem, vivamos cada um como melhor possamos ou entendermos, e no dia de juizo trataremos d'esse ajuste.

— Hão de ajustal-o comnosco, o que é ainda peior; mas como isso é para o futuro, passemos ao caso... Que é o que pretende o pagem do infante D. Fernando?

— Desejo fallar ao conde.

— Vou prevenil-o d'isso.

(Continúa) B. A.